



A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM ANÁLISE

Simone Barros de Oliveira¹
Charles Machado Hoepner²
Karen Greco Soares³

RESUMO:

Este trabalho apresenta os resultados parciais de um estudo que está sendo desenvolvido em dez jornais da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul sobre a representação das temáticas violência e educação para a paz nesses meios de comunicação. Financiado pelo órgão de fomento à pesquisa – FAPERGS, neste recorte traz-se as percepções obtidas a partir dos jornais *A Platéia* e *Jornal Cidade*. O trabalho discute a importância que os meios de comunicação têm na construção da realidade e na representação das problemáticas sociais, especialmente procurando refletir sobre o caráter interventor que possuem através da geração de um conteúdo compromissado e imparcial.

1 INTRODUÇÃO

A primeira grande guerra mundial trouxe, além de uma fragilização geral na sociedade pela grande dizimação humana, a consciência da necessidade de um retorno às questões da paz. Alguns pensadores da educação como Montessi (1870 – 1952) e Piaget (1896 – 1980) se questionavam sobre como a educação poderia evitar que acontecimentos bárbaros como uma guerra ocorressem novamente. Nesse sentido, diversas reuniões, congressos, debates foram realizados e organizações foram criadas em busca de uma discussão aprofundada sobre a construção de uma tolerância entre as nações (SELAU; HAMES, 2009).

Na Europa houve um expressivo engajamento no âmbito da educação com a criação de sindicatos específicos ligados a ações de educação para a paz. Várias

¹ Assistente Social (PUCRS). Mestre e Doutora em Serviço Social (PUCRS). Professora Adjunta e Pró-reitora de Assuntos Estudantis e Comunitários da Universidade Federal do Pampa. Líder do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, família e fronteira.

² Assistente Social (UNIPAMPA). Especializando em Serviço Social e Direitos Humanos (UNIPAMPA). Membro do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, família e fronteira.

³ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Comunicação Social- Relações Públicas com ênfase em produção cultural. Bolsista FAPERGS do projeto de pesquisa “Representação da violência e educação para a paz em jornais da fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul”.



propostas foram ensejadas nesse período, o que foi um baluarte para os anos seguintes. Na década de 1980 a educação para a paz teve a sua expansão e consolidação, chegando aos países, também, da América Latina (SELAU; HAMES, 2009).

Publicações, literaturas especializadas e autores destacam-se na solidificação da área como uma iniciativa pedagógica e campo científico de estudos. Atualmente, a educação para a paz é “reconhecida como tarefa mundial, exigência indiscutível, componente importante dos programas educativos, enfim, (...) uma direção pedagógica necessária para a construção de uma sociedade democrática” (GUIMARÃES, 2004, p. 9). Destarte, nesse processo, pergunta-se: qual o papel dos meios de comunicação diante dessa temática? Será que as mídias estão contribuindo com uma educação para uma cultura de paz ou apenas reproduzindo pautas em que a violência é supervalorizada como notícia?

Dessa forma, este estudo visa desvelar qual o papel dos meios de comunicação na conscientização e até mesmo na construção de uma sociedade em que a violência fica aquém e concede espaço para uma educação para a paz. Tendo como suporte metodológico o método de análise de conteúdo de Bardin (1977), é proposto, nessa pesquisa, observar os índices das notícias que tratam do tema violência e sua incidência em dois jornais do recorte da pesquisa, sendo estes os jornais *A Platéia* e *Jornal Cidade* ambos de expressiva circulação em duas cidades da região da fronteira oeste do estado do RS.

O estudo se propõe a observar quais as principais formas de violência que incidem nos jornais e como o conteúdo é representado por tais periódicos. A educação para a paz, é outra temática que este estudo se propõe a observar, procurando ver como são realizadas as abordagens sobre o assunto nos jornais do recorte. Acredita-se que contornos dados pela mídia à violência e educação para a paz são necessários para a compreensão desses fenômenos na realidade local. Essa reflexão coloca em interface os temas comunicação e educação, visto que, a mídia, através de uma linguagem compromissada e interventora, pode contribuir para a não-violência e, assim, à cultura de paz.



2 Representações midiáticas e construção da realidade social

Antes do surgimento dos meios de comunicação os estudos sociológicos se deparavam com uma certa dificuldade em validar a afirmativa de que a sociedade, de fato, existia. Ora, sua concretude e materialidade não era possível de ser mensurada, visto que não havia nenhum meio que possibilitasse sua representação (MARTINO, 2012).

Porém, os meios de comunicação surgiram e, com eles, a possibilidade de retratar os mais variados fatos cotidianos. Com o advento das mídias a sociedade tornou-se representável, palpável, e não somente a Sociologia, mas outras diversas áreas do saber, assim como a vida de cada ser humano, receberam impactos e mudanças consideráveis (MARTINO, 2012).

Essas mudanças consideráveis tratavam-se de que, os meios, enquanto veículos condutores de informações, conteúdo e realidades em larga escala, tornaram a sociedade tangível. As tramas do social, então, passaram a ganhar uma representação, e a experiência da realidade passou a poder ser observável através desses meios. A partir de tecnologias como Cinema, TV e jornais (MARTINO, 2012) o coletivo social ganha corpo e, eles próprios (os meios) passam a garantir o acesso a uma sociedade visível, material e representada.

Não somente isso, os meios de comunicação operaram uma transformação no mundo simbólico, isto é, nas maneiras de se transmitir e absorver uma produção de sentido. Isto implicou uma dupla funcionalidade aos meios: eles, enquanto condutores de informação, não somente representavam a sociedade, mas, também, interviam para a construção da realidade social a partir dessa própria representação (MARTINO, 2012).



Berguer e Luckmann (2011) quanto à “construção da realidade”, refletem acerca da Sociologia do Conhecimento, ou seja, da forma como o conhecimento é apreendido e a relevância do “social” nas suas construções individuais. Em tal abordagem, os autores reforçam que a sociabilidade é atingida através da interação dos grupos de indivíduos. Essa interação permite que o homem tenha a percepção do mundo à sua volta, visto que é somente a partir dela que lhe é permitido atribuir sentidos e significações às coisas. Ou seja, a “construção social da realidade” se dá na medida em que o processo de socialização ocorre, quando os indivíduos passam a representar e atribuir significados ao mundo que os cerca.

Neste sentido, de acordo com os autores, o mundo é o resultado das representações geradas durante a socialização. Esse processo trata-se de um conjunto complexificado de interações e mediações socioculturais que delineia o modo do ser social ver o mundo e representá-lo.

Com o advento dos meios de comunicação de massa, a sociedade recebe um potente veículo que, além de representá-la, passa a contribuir para essa construção da realidade. A mídia, pelo exercício de linguagens, imagens e símbolos difundidos, pode intervir e influenciar a realidade social. À medida que informações são expostas ou ofuscadas os indivíduos podem gerar ou não uma opinião acerca de determinado assunto ou construir um conhecimento em torno do mesmo. Esse papel dos meios os coloca em posição os coloca, também, como formuladores das representações sociais.

Para além disso, os meios de comunicação asseguram um outro processo que é prioritário para a formação de sentido e significado dos seres humanos: a interpretação. Toda e qualquer notícia veiculada, ou apreensão de dado fato pela televisão, por exemplo, gera individualmente uma interpretação. Nesta perspectiva, pode-se inferir que os meios de comunicação contribuem para a construção da realidade social, pois “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGUER; LUCKMANN, 2011, p. 35). Estando presentes nesse



processo ativo de contribuintes para a geração de interpretação na humanidade, as mídias são importantes construtores da realidade social na atualidade.

Nesse sentido busca-se compreender a partir das mídias, nesse trabalho, sobre como é discutido e representado midiaticamente as temáticas violência e educação para a paz. Anterior a isso, é realizada uma revisão bibliográfica dos dois termos, para posteriormente analisá-lo nos jornais do recorte da pesquisa.

3 O fenômeno da violência

O fenômeno da violência é presente na história desde que as primeiras formas de espécie humana se manifestavam, estando naturalmente associado aos relatos de luta pela sobrevivência, domínio de localidades e territórios, posse de bens materiais, poder, crenças religiosas, e até mesmo associado a nenhum motivo aparente (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 470).

A violência nasce, enquanto vocábulo, do latim *vis* que significa força. Essa significação pode lançar bases para uma definição do fenômeno, pois o mesmo, em suas diferentes gamas e categorizações, sempre tem, em seu eixo, algum sobreuso da coerção, seja física, emocional ou psicológica. Dessa forma, a violência, em geral se opõe a ética e aos valores de uma sociedade (EYNG; GISI; ENS, 2009).

Nas palavras de Chauí *apud* Silva, é destacado que,

Em nossa cultura, a violência é entendida como o uso da força física, e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém. Eis porque o assassinato, a tortura, a injustiça, a mentira, o estupro, a calúnia, a má-fé, o roubo são considerados violência, imoralidade e crime. (CHAUÍ *apud* SILVA, 2005, p. 21)

Ainda nessa mesma linha, a autora afirma que a violência entra em conflito com a ética, pois desracionaliza o indivíduo humano, a ponto de associar o



mesmo a uma coisa. Na atualidade, a violência apresenta-se como um desafio para a sociedade, e não apenas um mal, podendo ser também um veículo transformador da realidade, o qual afeta as mais diversas áreas. Como o observado por Minayo (1994):

(...) trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade. (...). Daí se conclui, também que na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do direito, da Psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual (MINAYO, 1994, p.08).

A violência é constituída de diversas formas que podem se relacionar entre si. Tem-se a violência sexual, que atinge todos os segmentos e classes sociais, desde a criança até os idosos. A violência física, que é a mais conhecida e muitas vezes sendo compreendida como a única forma de violência, esta existe desde os primórdios da civilização. A violência psicológica que é, talvez, a mais subjetiva, pois rebate diretamente na relação do sujeito consigo mesmo e com as demais pessoas. Existe também a violência patrimonial, que é altamente excludente, pois elimina o direito igualitário de propriedade, dentre outras formas e expressões de violência que surgem e se complexificam todos os dias.

Nessa perspectiva, a representação midiática que se faz da violência é fator contribuinte para esse processo de complexificação, seja pelo conteúdo apelativo, ou sensacionalista, pelas imagens de horrores e caracterizações banalizadas de conteúdos que exemplifiquem os atos de violência, os meios de comunicação atuam no cenário da violência, não apenas como veículos, mas como interventores. É o que propõe Michauld apud Porto (2002):

“A violência, na mídia, seja ela estilizada ou não, seja ficção ou parte dos telejornais da atualidade serve, de uma certa maneira, a um descarregar-se, distender-se, dar livre curso aos sentimentos através do espetáculo. As cenas de violência são um sintoma da “nervosidade” da sociedade.” (MICHAUD, 1996 apud PORTO, 2002, p. 160).

Ainda nessa lógica, Rifiotis (1997, p. 78) coloca a violência em função exponencial na lógica de lucro e mercadorização dos jornais: “a violência enquanto objeto de produção de notícia, é ressaltada pelos agentes da comunicação, como o fator



de maior audiência e comercialização nos jornais. Em nome do lucro se justifica “práticas sensacionalistas”. Assim, é recorrente ver que a mídia oferece contornos a essa problemática social, ainda atualmente, muito vinculada à conveniência discursiva do interesse interno do jornal. As representações da violência nos jornais, nesse sentido, podem estar comprometidas e é necessário uma observação e chamada mais cuidadosa para o papel ainda social que os jornais desempenham na construção da realidade dos indivíduos.

A outra temática de análise neste estudo trata-se da educação para a paz, surgida em contextos que o mundo via a violência como arrasadora de nações. Surgida de uma proposta mundial de paz em meio aos resultados das grandes guerras, a educação para a paz é o próximo tópico de abordagem, em suas dimensões teóricas.

4 Educação para a Paz

Kant foi um pensador que deu atenção, em seus escritos, à questão da paz. Embora não sendo educador e, sim, filósofo, o referido autor realizou uma reflexão importante intitulada “A Paz Perpétua” que pode, neste estudo, lançar bases teóricas para uma educação para a paz.

Em Kant a proposta ensejava instaurar o chamado estado de paz, em que sua ação mudasse da omissão da violência para a realização efetiva de uma ordem jurídica que permita a paz entre as nações. Para ele “a nação condena a guerra como um procedimento de direito e torna, ao contrário, o estado de paz um dever imediato” (KANT, 1989, p. 40). Nesse sentido, a paz ganha contornos não apenas como sendo a ausência de guerra e violência, mas como a construção de uma *cultura de paz*.



Essa perspectiva de “construção” também é adotada pela UNESCO

quando conceitua o termo cultura de paz:

“A cultura de paz se constitui de valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis. Viver em uma Cultura de Paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente cotidiana, e promover os princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas” (UNESCO *apud* SELAU; HAMMES, 2009, p. 14).

Nesse sentido, educação para a paz apresenta-se como alternativas pedagógicas, verdadeiros programas e iniciativas no âmbito da educação visando uma construção da paz; já a cultura de paz seria mais voltada ao resultado dessas ações, já de maneira arraigada na vivência, valores e dignidade dos indivíduos. A cultura de paz é regida por princípios que negam a violência e promovem a vida de maneira integral em sociedade, regada de valores que visam o bem comum e a harmonia social.

Até o momento, pode-se observar que o tema macro “paz” trata-se de uma construção cultural. Posicioná-lo dessa maneira permite observá-lo pela ótica do cabível, do exequível, fugindo das noções utópicas e idealistas para as quais comumente esse termo é associado.

A educação para a paz surge, em nossa realidade atual, como uma alternativa, uma contribuição ao deslocamento dessa cultura vigente que prega a violência nas suas mais variadas formas para uma cultura de paz, que prospecta a solidariedade e os valores humanos harmônicos. A “produção cultural” da violência precisa ser sanada por uma produção que contribua para o retorno a esses valores, para o diálogo e inclusão. A educação para a paz figura um espaço privilegiado, que ainda é pouco explorado por educadores, pedagogos e demais profissionais da área das sociais.

Através da educação para uma cultura de paz é possível se obter um olhar mais crítico sobre esses aspectos, perceber de maneira clara onde estão as reproduções da cultura da violência e se tornar consciente.



A realidade, tanto brasileira quanto a mundial, abre espaço para a elaboração de estudos, programas e iniciativas que perspectivem uma paz duradoura. Principalmente, que prospectam a não-violência através de uma cultura de paz. Como mencionado anteriormente, a cultura de paz é uma construção individual e coletiva, que está ao alcance da sociedade. Nesse sentido, busca-se compreender como são representadas as temáticas violência e educação para a paz pela mídia. O capítulo seguinte versa sobre essas análises nos jornais *A Platéia* e *Jornal Cidade*, ambos recorte de uma pesquisa maior que envolve outros dez veículos jornalísticos de comunicação.

5 Violência e Educação para a Paz: A análise nos jornais *A Platéia* e *Jornal Cidade*

O estado do Rio Grande do Sul possui papel marcante na história do Brasil, tendo sido palco da Guerra dos Farrapos, a mais longa guerra civil do país. Outros históricos de ocupações e revoluções foram importantes para a constituição desse estado, e a violência, em suas diversas formas, é presente no Estado desde o seu surgimento.

A “metade Sul” do Rio Grande do Sul ou popularmente conhecida como Região do Pampa é uma região que abriga cidades interioranas regadas de problemas sociais, econômicos, políticos e educacionais. As mesmas localizam-se na região fronteira, na qual suas cidades fazem fronteira com estados da Argentina e do Uruguai, e são dotadas de dificuldades que vão da esfera econômica à localização geográfica. Portanto, uma pesquisa acerca das representações da violência nessas cidades se faz amplamente necessária, pois desde as suas características histórico-culturais o fenômeno da violência é presente. Além disso, a presença da fronteira torna ainda mais recorrentes formas de violências criminais como tráfico, contrabando, porte ilegal de armas, entre outros.

A pesquisa macro, desenvolvida pela Universidade Federal com o apoio financeiro do órgão de fomento estadual FAPERGS (Fundo de amparo à pesquisa do



estado do Rio Grande do Sul) abarca dez jornais nas dez cidades que contém um Campus da Universidade Federal do Pampa. Os jornais pesquisados nessas cidades são: Folha do Sul (Bagé), Gazeta de Caçapava (Caçapava do Sul), A Plateia (Santana do Livramento), Folha de São Borja (São Borja), Jaguarão Online (Jaguarão), Em Questão (Alegrete), Jornal Cidade (Uruguaiana), Caderno 7 (São Gabriel), Folha da Cidade (Dom Pedrito) e Folha de Itaqui (Itaqui). Neste recorte traz-se as discussões e resultados obtidos a partir dos Jornais *A Platéia* e *Jornal Cidade* durante os meses de agosto de 2013 e novembro de 2013.

O jornal *A Plateia* é um periódico de circulação diária da cidade de Santana do Livramento, que contém mais de 75 anos de história. É um dos jornais mais antigos e conceituados da imprensa gaúcha, que traz notícias especificamente da sua cidade de origem e da cidade a qual Santana do Livramento faz fronteira, Rivera – Uruguai. Há cerca de um ano, *A Platéia* possui edição em espanhol, cobrindo os acontecimentos ocorridos na chamada *fronteira da paz*, denominação comumente dada à fronteira na cidade. Caracteriza-se, então, como o único diário bilíngüe do país.

Durante o mês de agosto foi analisado um total de quatorze notícias. Por meio da metodologia de análise de conteúdo, tais notícias estavam sendo pesquisadas a partir do objetivo geral de pesquisa: identificar as formas de violência, bem como a educação para uma cultura de paz são apresentadas nos jornais impressos da região da Campanha e Fronteira Oeste.

Foram nove notícias encontradas abordando a temática violência e cinco abordando a temática educação para a paz. Infere-se que aí que a categoria violência recebeu maior número de abordagens em relação à categoria educação para a paz. Sobre a temática violência: das quatorze notícias contendo a temática violência, as formas de violência pautadas no texto e títulos foram estupro, furto, roubo, vandalismo, porte ilegal de armas, contrabando e violência no trânsito (acidentes e embriaguez no volante). A categoria mais frequente observada foi a de roubo, seguido por violência no trânsito, com duas notícias sobre as categorias, cada.



Já no mês de novembro de 2013 foram oito notícias encontradas que continham a temática violência nesse jornal, e as principais categorias de violência que ocorreram foram: homicídio, violência no trânsito, insulto e roubo. Quanto a categoria educação para a paz, foram encontradas quatro notícias com a temática, porém, estas apenas noticiando eventos culturais e de solidariedade.

O jornal *A platéia* apresenta, em média, a cada edição, cerca de duas a três notícias com teor de violência. Sua abordagem é reta, simplista e não tendenciosa. Não se utiliza de recursos imagéticos marcantes, sendo fiel ao fato. Os títulos coincidem com o conteúdo do texto, e as principais categorias de violência observadas nesse jornal que representam a questão da violência em Santana do Livramento durante o mês de agosto foram: roubo e violência no trânsito.

Já sobre a questão da educação para a paz, é interessante salientar que esta não aparece especificamente enquanto conceito nas notícias e, sim, como ações que envolvem os aspectos principais do que é educação para a paz. Ou seja, as notícias que envolvem essa temática são relatos de ações, principalmente voltadas ao âmbito de comunidade, como campanhas, engajamento comunitário sobre uma causa, mobilização solidárias, etc. Ao todo foram cinco notícias encontradas com essas temáticas. Destas, as principais que se manifestaram foram: campanha contra a violência contra a mulher, campanha de amamentação, mobilização para arrecadação de brinquedos para crianças carentes e mutirão comunitário para limpeza urbana em vilas.

O jornal *A Platéia* habitualmente dá um enfoque a essas notícias como próprias do cidadão santanaense. Nos editoriais do jornal também há recorrência deste enfoque, tomado por uma escrita harmonizadora e sensibilizadora, com vistas ao fomento de que a cidade retratada no jornal é cordial e harmoniosa.

Isto possibilita inferir que, embora a retratação da violência seja mais abordada quantitativamente no jornal analisado, as notícias de caráter de educação para a paz se salientam mais devido ao enfoque recebido. Representa-se assim, através do jornal *A Platéia* que a cidade Santana do Livramento é uma cidade harmoniosa, que



possui uma comunidade engajada, e corrobora para tornar-se aquela chamada fronteira de paz, que seus editoriais pautam frequentemente.

O próximo periódico de análise é o *Jornal Cidade* do município de Uruguaiana – RS. Diferentemente de *A Platéia* o *Jornal Cidade* possui periodicidade trisemanal e 22 anos de história no município. É um dos quatro principais veículos de jornalismo impresso da cidade. Possui uma linguagem própria de abordagem nas notícias, muitas vezes tendendo a espetacularização dos fatos.

Da análise realizada, durante o mês de agosto foram onze notícias encontradas discutindo o tema violência contra nenhuma sobre a temática educação para a paz. As principais formas de violência encontradas foram: furto, homofobia, tráfico de drogas, porte ilegal de armas, assédio sexual e violência no trânsito. Destas, a que teve mais aparições foi tráfico ilegal de drogas e assédio sexual. Já no mês de novembro foram dez notícias encontradas com a temática violência, destas dez as principais categorias encontradas foram: roubo a residência, furto, lesão corporal, estupro, afogamento e violência contra a mulher. Também neste mês não foi encontrada nenhuma notícia que tivesse conteúdo sobre educação para a paz.

Inferiu-se que o *Jornal Cidade* de Uruguaiana carece de redação jornalística aprimorada, seus títulos muitas vezes não são fieis ao fato relatado no corpo da notícia, procurando apenas “chamar a atenção” com um notado teor sensacionalista. As fotos são recursos imagéticos para tornar atrativo e, por vezes, buscam alertar a sociedade para tal notícia. Pelo conteúdo jornalístico, Uruguaiana representa ser uma cidade violenta, pois, em média, a cada edição, cerca de quatro a cinco notícias são apenas sobre a violência na cidade. Categorias mais peculiares observadas de violência são as de teor sexual: como homofobia e assédio sexual.

Nesse sentido, é recorrente que as representações oferecidas por cada jornal, nestes casos, são diferentemente abordadas, mesmo que seja o mesmo tema. Pode-se notar que um jornal atua para a construção de uma realidade em que a cidade é harmoniosa, que os habitantes são solidários e que a violência está estancada. Por outro lado, há o veículo que constrói a violência como parte arraigada da cidade, incitando os



leitores à indignação dos acontecimentos violentos. É peculiar observar como a lógica de cada veículo atua diferentemente em cada contexto, construindo de diferentes perspectivas as noções sobre cada temática analisada.

Infere-se aí, o papel fundamental que possui o que cria a notícia, nesse caso, o jornalista:

Dentro da perspectiva da construção social da realidade, posso conceber a construção da notícia como algo especial e pertencente a realidade: é uma realidade simbólica, pública e cotidiana. Desse ponto de vista, deveríamos falar sobre a construção da realidade social. Os jornalistas são, como todo mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia (ALSINA, 2009, p. 11).

A informação jornalística, além de informar, é constituinte na construção da cidadania, da educação e sensibilização da sociedade para os problemas e questões sociais. Há correntes que reforçam esse aspecto interventor dos meios de comunicação, em especial o jornal. Dado o grau de relevância dos meios jornalísticos como partícipes na construção da realidade da sociedade, é necessário salientar o papel que estes têm em dar a sua contribuição no enfrentamento das problemáticas sociais com a difusão de matérias que promovam mudanças nas representações estigmatizadas, ou até mesmo na promoção de discussões sobre temas pertinentes junto a sociedade.

6 CONCLUSÃO

Com as análises do recorte observado neste estudo foi possível perceber que a mídia possui papel expressivo na construção e delineação da realidade social a que está inserida. Nos dois jornais analisados há um enfoque e representações muito diferenciadas em se tratando da mesma temática. A violência para *A Platéia* não é tão reforçada quanto no *Jornal Cidade*, em que as manchetes claramente procuram reforçar a espetacularização do fato. *A Platéia* agenda questões que em seu bojo reforçam uma educação para a paz, enquanto o *Jornal Cidade* não apresentou nenhuma notícia com esse caráter.



De maneira geral, pode-se observar que os meios de comunicação, enquanto socializadores de sentidos e significações nas mais largas escalas por meio da notícia, do texto e de suas linguagens específicas é objeto incluso na construção da realidade social dos indivíduos. Ou seja: possui valor interferente nas representações da realidade e nas suas interpretações. Dizer isto é validar que um veículo jornal pode oferecer contornos, através do mapeamento de suas notícias e seu discurso, das mais variadas formas de problemáticas sociais na atualidade.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARDIN, Laureasse. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, s. D. 1977.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 33 Ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência**. Revista Teoria e Debate. nº. 39, 1998.

EYNG, Ana Maria. GISI, Maria Lourdes. Ens, Romilda Teodora. Violência nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. In: **Revista Diálogo Educacional**. Porto Alegre, nº 28, setembro/dezembro, 2009.

GUIMARÃES, Marcelo. **Um novo mundo é possível**: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos. São Leopoldo: Sidonal, 2004.

KANT, Immanuel. **À paz perpétua**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

MARTINO, Luis Claudio. **Diálogos Série Intercom Sudeste**. São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=0enj87_h3tA

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo, Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 1994.



RIFIÓTIS, Theophilos et al. **O repórter e a sua imagem da violência e da ação policial**. 1997. Disponível em:
<<http://www.dhnet.org.br/w3/cdhpb/projetos/reporter.html>>

SELAU, Bento; HAMES, Lúcio Jorge. **Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis**. São Luis/Ma: EDFMA, 2009.